

Resenha de: Desportes, Général Vincent, 2015. *La dernière bataille de France: lettre aux français qui croient encore être défendus*. Paris: Gallimard.

Rev. Bra. Est. Def. v. 4, n° 1, jan./jun. 2017, p. 267-270  
 DOI: 10.26792/RBED.v4n1.2017.69126  
 ISSN 2358-3932

GUILLAUME AZEVEDO MARQUES DE SAES

## UM GENERAL ANALISA A SITUAÇÃO MILITAR DA FRANÇA NUM MUNDO EM CONVULSÃO

Em 2015, a editora francesa Gallimard publicava um livro com o título sugestivo de *La dernière bataille de France: lettre aux français qui croient encore être défendus* (em português, *A última batalha da França: carta aos franceses que ainda acreditam estarem sendo defendidos*), de autoria de Vincent Desportes, um General-de-Divisão do Exército francês, notório por seus estudos sobre assuntos militares. O fato do livro ter saído no final de outubro do ano citado, isto é, duas semanas antes dos sangrentos atentados de Paris, torna a sua leitura particularmente interessante. Nesta obra, o autor lança um alerta para o despreparo militar da França diante dos desafios de sua política externa e dos perigos que ameaçam o seu próprio território.

O General Desportes é um nacionalista preocupado pela precariedade da organização militar francesa num cenário mundial conturbado, como o dos dias de hoje. A sua principal referência histórica é Charles de Gaulle, militar líder da Resistência Francesa contra a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial e governante da França em duas ocasiões, 1944-1946 e 1958-1969. Entretanto, é sobretudo no De Gaulle reformista militar, da década de 1930, que Desportes parece encontrar a sua inspiração, um De Gaulle preocupado com o despreparo militar da França diante de uma iminente guerra de revanche alemã e que procurou incansavelmente, por meio de palestras, livros e artigos, alertar as autoridades de seu país para a necessidade de modernização de suas forças militares. E, de fato, encontramos muitas semelhanças entre o livro que estamos comentando e clássicos do pensamento militar como *O fio da espada* e *Por um exército profissional*. Bem informado sobre a situação atual das forças militares

francesas – logicamente ele não pode passar ao leitor dados que estão sob sigilo militar –, Desportes denuncia a contradição entre uma política externa cada vez mais intervencionista e um orçamento militar que desde 1982 não para de diminuir. Ao culpar todos os governos franceses que se sucederam desde então, sejam eles de direita ou de esquerda, o autor coloca que a política militar vigente tem repercutido negativamente no tamanho dos efetivos, na formação dos oficiais, na qualidade do equipamento e no moral das tropas. E isto ao mesmo tempo em que a quantidade de campanhas militares está em clara ascensão desde o governo de Nicolas Sarkozy (2007-2012) e, sobretudo, desde o governo de François Hollande, iniciado em 2012. Expoente de uma visão tipicamente militar, segundo a qual a paz eterna é impossível e a guerra é inevitável devido à agressividade inerente à espécie humana, Desportes critica o que seria o pacifismo ingênuo dos fundadores e dos publicistas da União Europeia, responsáveis segundo ele pela desmobilização militar da Europa no pós-Guerra Fria. Da mesma maneira, critica os cortes no orçamento militar feito pelos tecnocratas responsáveis pela administração das finanças da França, cortes feitos em nome do equilíbrio orçamentário.

Entretanto, e é uma crítica que fazemos ao livro, não encontramos aqui maiores reflexões relacionando os cortes crescentes no orçamento militar com as políticas neoliberais que vêm sendo implementadas pelos sucessivos governos franceses desde meados da década de 1980. O problema militar de certa forma é aqui tratado de maneira isolada, descolado das questões econômicas e sociais, e a própria política de redução de gastos públicos não é contestada pelo autor, que pede somente que, dentro do contexto de guerra atual, ela seja transferida da área militar para outras áreas, como a área social, por exemplo. Desportes, claramente situado no campo conservador, não parece levar em consideração que o sucateamento do aparelho militar faz parte de um plano geral de desmonte do setor público, e que não é transferindo a penúria para outros setores, colocando parte da população na miséria, que a segurança interna e externa da França estará assegurada. A própria política de desindustrialização, de desemprego e de estagnação econômica vigente está associada ao empobrecimento dos recursos públicos e, por conseguinte, dos recursos militares. Portanto, ao contrário do autor aqui comentado, acreditamos que a verdadeira luta contra o sucateamento das forças militares deve fazer parte de um combate mais amplo contra as políticas neoliberais vigentes.

Gostaríamos, finalmente, colocar algumas questões. Desportes não contesta de fato a política externa da França, ele acredita nas responsabilidades internacionais de seu país, na obrigação moral em intervir militarmente para socorrer os Estados e as populações situadas em suas zonas tradicio-

nais de influência. Mesmo sendo um crítico da invasão norte-americana do Iraque em 2003, invasão que para ele está na origem do surgimento do Estado Islâmico na década seguinte, Desportes parece ser partidário de uma política, que poderíamos chamar de *neocolonial*, na África e no Oriente Médio. Mas será que a vulnerabilidade atual da França, cujo território tem sido palco de atentados terroristas de uma violência inédita na história do país, seria apenas o resultado da negligência dos sucessivos governos franceses em relação à questão militar ou seria também o resultado de uma política externa desastrosa, que tem contribuído para colecionar inimigos?<sup>1</sup> Não seria, talvez, o momento da França deixar de lado essas aventuras militares cuja eficiência é bastante discutível, e usar o seu contingente militar (logicamente aumentado e modernizado) no combate ao terrorismo dentro de seu próprio território? Não seria mais produtivo promover uma política de desenvolvimento econômico e social como forma de reinserir parte da população no mercado de trabalho e fazer secar as fontes de recrutamento de jovens terroristas? Acreditamos que, ao responder positivamente a estas perguntas, a França estaria ajudando de uma forma mais inteligente a derrotar o jihadismo.

NOTAS

1. Sobre esta questão, ver a esclarecedora entrevista, publicada na *Folha de S. Paulo* em 16 de novembro de 2015, com o cientista político francês Bertrand Badie, que aponta a política intervencionista da França como o principal responsável pela onda de atentados que o país vem sofrendo. O entrevistado insere inclusive uma ideia interessante, a de que a política externa agressiva do Governo Hollande resultaria do sentimento de inferioridade da França em relação ao poderio econômico da Alemanha, que de fato domina a União Europeia. Vitórias militares seriam então uma forma da França se afirmar diante de seu poderoso aliado europeu (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706943-intervencionismo-poe-franca-na-mira-de-extremistas-diz-cientista-politico.shtml>. Acessado em: 29 out. 2016).

Palavras-chave: França; Defesa Nacional; Guerra; Terrorismo.

Recebido em 30/10/2016. Aceito para publicação em 16/12/2016.